

**MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*.  
São Paulo: Edusp, 2001, 536 p.**

*Erasmão d'Almeida Magalhães\**

**F**iccionistas há que já pela utilização de características próprias de suas “linguagens literárias”, ou diríamos, pelo uso particular de recursos expressivos da linguagem, que resultam em inovações léxicas, ressemantizações etc., enfim por seus “procedimentos escriturais”, têm motivado muitos trabalhos lingüísticos e/ou filológicos.

Assim, pululam em textos acadêmicos – mormente dissertações de mestrado e teses de doutoramento – ou não um sem número de estudos. Pelo menos são quatro os autores brasileiros que detêm a preferência ou atenção dos estudiosos: Gonçalves Dias, José de Alencar, Machado de Assis e Guimarães Rosa.

Nos dois primeiros citados, como era de se esperar, o que mais atrai são os elementos indianistas contidos nos escritos. Em Machado de Assis, atenta-se para os traços de ironia constantemente presentes e a busca de uma atitude artística original e inovadora diante da realidade. Em Guimarães Rosa, o interesse principal é por suas ousadas lingüístico-literárias que contemplam os múltiplos aspectos da linguagem, revelando um autor que sofre com a angústia da perfeição, com a busca da palavra exata e que para tanto se mune de vasta pesquisa documental, do neologismo, de uma ordem sintática desintegradora das convenções lingüísticas.

---

\* Universidade de São Paulo – USP.

O trabalho da professora Nilce Sant'Anna Martins, aqui resenhado, como o de Guimarães Rosa, temos certeza de que não foi fruto de tarefa de afogadilho. É fruto, sim, de longos anos de análise e de reflexão. É o que se pode qualificar de labor beneditino, e, como se diz, em terras portuguesas: é trabalho de mouro, cansativo e duradouro. Se mais não fosse, o leitor não se depararia com um “inventário [onde] figuram cerca de 8.000 palavras”, com um considerável número não dicionarizadas.

Para atingir o seu desiderato, a autora – docente de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo – buscou apoio, principalmente, em vinte e um dicionários (etimológicos, de regionalismos, de língua portuguesa, de tupinimos etc.).

Talvez não tenha sido muito feliz em eleger a obra de Luís Caldas Tibiriçá, quando se pode contar com escritos especializados de Aryon Dall'Igna Rodrigues, Antonio Lemos Barbosa e Plínio M. da Silva Ayrosa. Nos verbetes do *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa* (utilizamos a 11ª edição) e outros, encontraria um maior número de vocábulos dicionarizados, ou complementaria informações, já que aquele dicionário contou com a colaboração, entre outros especialistas, de botânicos e de zoólogos. Exemplifiquemos: assim poderia remeter para *rompe-gibão* (sapotácea), outra denominação para *quixabeira*, ou lembrar que nem sempre *lírio-do-brejo* (liliácea) pode ser confundido com *copo-de-leite* (arácea). E mais: *dejanira* pode ser encontrado dicionarizado como planta no *Novo dicionário brasileiro melhoramentos* (1969). Possivelmente, o manuseio de algum estudo de botânica aplicada aos vegetais brasileiros elucidaria melhor os verbetes. Desse modo, o leitor poderia distinguir *barriguda* (bombacácea) de *jacarandá* (leguminosa).

Por outro lado, com perspicácia, utilizou consagradas obras de referência como *Dialeto caipira* (Amadeu Amaral), *Roteiro de Macunaíma* (Manoel C. Proença) e outros. Para abonações complementares, louvou-se em Aluizio de Azevedo, Aquilino Ribeiro, Bernardo Ellis, Domingos Olímpio, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Luís de

Camões, Machado de Assis, Manuel Bandeira, Simões Lopes Neto, Valdomiro Silveira e muitos outros. Isso é demonstração de bem conhecer a língua portuguesa e de descortino no uso das fontes.

A autora não deixa, também, de indicar com clarividência as abonações. Para elucidar o afirmado, transcrevemos: “As abonações vêm logo após a palavra de entrada, em itálico. Nem sempre é possível transcrever a frase inteira em que aparecem, devido à extensão. Toma-se então ou uma oração completa ou o sintagma suficiente para o esclarecimento desejado. Às vezes, ao contrário, é preciso reproduzir mais de uma frase, para que a abonação apresente certo sentido.”; “Para certos vocábulos, são incluídos, no final do verbete, [...] abonações de autores diversos para cotejo ou comprovação de que o termo não é inovação de Guimarães Rosa ou de uso restrito a seu Estado natal”.

Continuemos a transcrição para melhor visualizar a ponderação:

**Apócrifo.** Das cantigas do Serão, de João Barandão, tão apócrifas, surge, com efeito uma vez: *Encontrei Melim-Meloso/ fazendo idéia dos bois:/ o que ele imaginava em antes/ vira a certeza depois (T- XXIII, 92/105).* Era uma apócrifa e abundante família Véiga. (S- VII, 260/278)./ *De autenticidade duvidosa; sem valor.// No segundo exemplo, aplicação inusitada do termo a pess., com conot. Pejorativa, humorística.*

**Estadão.** O casal de pretos, que morava junto com ele, quem mandava e desmandava na casa, não trabalhando um nada e vivendo no estadão. S-IX, 338/359)./ *Boa vida, descanso./ / O sent. de 'luxo', 'pompa', reg. No NA (e também no **Dialeto Caipira**, de Amadeu Amaral), não se ajusta bem ao texto. [Cf. H.C. Ramos: Era então acostado e de fiança daqueles de pouca conversa e de grande estadão (**OC, Tropas e Boiadas**, p. 3)].*

Finalmente, é lícito dizer que deve ter ficado demonstrada a excelência do trabalho da Professora Doutora Nilce, resultado de

pesquisa minudente e do saber da autora. As ponderações do resenhista, por certo, indicam leitura interessada e atenta e podem ser vistas como modesta colaboração. Oxalá outros escritores, regionalistas ou não, possam ser analisados com tal tipo de trabalho.